

Pombal 350¹

Amanda Cavalcanti Santana de MELO²

Eva Feitosa JOFILSAN³

Josinete Barbosa da SILVA⁴

Paulo Souza dos SANTOS JÚNIOR⁵

Leonardo Castro GOMES⁶

Universidade Católica de Pernambuco, PE

RESUMO

Pombal 350 é um curta-metragem ficcional produzido durante a disciplina de Captura e Edição em HDSLR do Curso Superior Tecnológico em Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco. O filme reconstrói uma das lendas urbanas da cidade do Recife, sob a uma ótica contemporânea. O roteiro consiste em um ensaio cinematográfico que resgata os elementos históricos e culturais do Recife, numa perspectiva moderna e de recriação. O objetivo deste paper é apresentar a estrutura e conteúdo do roteiro desta obra, contemplando os processos de criação e desenvolvimento, bem como as técnicas usadas para a construção da intencionalidade do mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Pombal 350; curta-metragem; roteiro; lendas urbanas; Recife.

1 INTRODUÇÃO

Pombal 350 apresenta a história de um taxista que encontra uma bela e misteriosa passageira em sua última corrida do dia na cidade do Recife; uma viagem diferente de todas que já havia realizado. O enredo do filme toma como base a lenda urbana “A Galega de Santo Amaro”, que juntamente com outras lendas, constroem o imaginário cultural e histórico da cidade.

O roteiro foi elaborado como ponto de partida do projeto final da disciplina de Captura e Edição em HDSLR, ministrada pelo Prof^o Leonardo Castro Gomes, no Curso Superior Tecnológico em Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco. A proposta da disciplina era que os alunos produzissem, individualmente ou em grupo, um curta-metragem com no máximo vinte minutos de duração, capturado unicamente com Câmeras

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Roteiro de Ficção (avulso ou seriado)., modalidade Cinema e Audiovisual

² Aluna líder do grupo e Graduada no Curso Superior Tecnológico em Fotografia, email: csmelo.amanda@gmail.com.

³ Estudante do 4º período do Curso Superior Tecnológico em Fotografia, email: evita.feitosa@gmail.com.

⁴ Estudante do 4º período do Curso Superior Tecnológico em Fotografia, email: josybarbosauno@gmail.com

⁵ Graduado no Curso Superior Tecnológico em Fotografia, email: psouzamail@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso Superior Tecnológico em Fotografia, email leocastro79@gmail.com.

HDSLRL. O resultou deste trabalho foi um filme de gênero ficção, subgênero terror, com aproximadamente sete minutos de duração, intitulado **Pombal 350**. Apesar de não ser uma exigência do projeto, a equipe optou por desenvolver o roteiro em questão, a fim de usá-lo como um guia para a gravação do filme.

Syd Field, em seu livro *Manual do Roteiro* (2001), explica que um bom roteiro é reconhecido já nas suas primeiras páginas.

O estilo, a forma com que as palavras são escritas na página, o jeito que a história é estabelecida, o controle da situação dramática, a apresentação do personagem principal, a premissa básica ou problema do roteiro — tudo se estabelece nas primeiras páginas do roteiro. *Chinatown* (*Chinatown*), *Three Days of the Condor* (*Os Três dias do Condor*), *All the President's Men* (*Todos os Homens do Presidente*) são exemplos perfeitos. Um roteiro, logo percebido, é uma história contada com imagens. E como um substantivo: isto é, um roteiro trata de uma pessoa, ou pessoas, num lugar, ou lugares, vivendo a sua "coisa". Percebi que o roteiro possui certos componentes conceituais básicos comuns no que se refere à forma (FIELD, 2001, p.10).

Segundo o autor, tais elementos são expressos dramaticamente dentro de uma estrutura bem definida com início, meio e fim. No caso específico dos roteiros cinematográficos, em que consideramos o filme como “um meio visual que dramatiza um enredo básico; lida com fotografias, imagens, fragmentos e pedaços de filme” (idem, p.12), o roteiro é definido como uma história, composta por imagens diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática.

Valendo-nos das definições propostas por Field, partimos então para o estudo da narrativa cinematográfica, a fim de nos munirmos de um arcabouço teórico capaz de nos orientar corretamente durante todo o processo de produção do curta.

Dentro do campo de conhecimento do Cinema e Audiovisual, diversos estudiosos têm orientado sua pesquisa para a análise das narrativas fílmicas, tais como David Bordwell (1985), Edward Branigan (1992), André Gaudreault e François Jost (2009). De acordo com Sandra Straccialano Coelho (2011), tais autores “têm refletido a respeito da predominância e das particularidades dessa forma no cinema, cuja natureza específica – a da articulação de imagens e sons em uma determinada duração –, tem privilegiado a organização narrativa do discurso fílmico” (2011, p.02).

De modo geral, pode-se dizer que duas perspectivas distintas têm prevalecido no domínio dos estudos das narrativas cinematográficas: uma de viés predominantemente estruturalista (da qual faz menção o trecho acima citado), e que tem como principal exemplo a obra desenvolvida por Christian Metz; outra, de viés predominantemente cognitivista, que tem como foco o estudo da narrativa enquanto um modo específico (e privilegiado) pelo qual organizamos e compreendemos as imagens em movimento, e que tem como um de seus principais representantes o teórico norte-americano David Bordwell (2011, p.04).

André Gaudreault e François Jost (2009) discorrem que, assim como as demais formas de narração, a narração fílmica “presume a comunicação de informações narrativas entre duas instâncias situadas cada uma em uma ponta da cadeia” (2009, p.85). Ainda segundo os autores, nomeia-se de narratário de uma narrativa o destinatário da mesma, sendo submetido a um processo comunicacional no momento em que o narrador libera para ele uma multitude de informações sobre o universo diegético, a partir do qual evoluem os diversos personagens da narrativa, assim como sobre esses próprios personagens e sobre as ações que eles realizam.

Neste trabalho, optamos por construir uma narrativa um tom de suspense e tensão, que se aproxima da fantasia pelas experiências vividas pelo taxista com a passageira misteriosa.

2 OBJETIVO

Elaborar um roteiro ficcional para o curta-metragem **Pombal 350**, que orientasse a equipe na captura e edição das imagens. Para alcançar este feito, foram utilizadas técnicas de estruturação dramática do roteiro.

3 JUSTIFICATIVA

O roteiro de **Pombal 350** justifica-se em retratar os personagens (taxista e passageira), trabalhando suas individualidades, de forma tal, que o espectador se aproxime da história. Com o roteiro, pretendemos também que o enredo fosse compreendido e que representasse o movimento de retorno às heranças culturais e valorização do imaginário histórico da cidade do Recife e também do Estado de Pernambuco.

Desde o início da sua construção, o roteiro foi pensado em forma de imagens produzíveis dentro do contexto universitário, de maneira que **Pombal 350** também se justifica enquanto roteiro de arte, com uma estética artística e autoral.

No roteiro de **Pombal 350**, certas informações na narrativa foram omitidas ou sequer mencionadas inicialmente, a fim de gerar questionamentos e inquietações no espectador. Nosso propósito com tais eclipses da narrativa foi confinar o espectador ao conflito da personagem principal (o taxista), fazendo-os, personagem e espectador, sentirem-se igualmente confusos e, conseqüentemente, aproximá-los. É a personagem quem vai desvelar certos elementos para que se construa a história; assim, o enredo se desenvolve em uma tensão psicológica por meio da omissão de informações sobre as personagens, combinada às ações das mesmas. Essa tensão é gradativamente resolvida no decorrer da narrativa.

Partimos da ideia de que um filme precisa ser compreendido e/ou ser sentido, por isso, o roteiro foi construído com poucos diálogos, nenhuma voz em off e poucas informações sobre os personagens. Dessa forma, o espectador é capaz de conjecturar o sentido da história através somente das ações e dos pensamentos das personagens. Em momentos, os diálogos são simplificados para delimitar o sentimento a uma frase ou palavra (Figura 01), dando espaço à contemplação e configurando ao roteiro características minimalistas.

CORTA PARA

INT. CARRO - NOITE

A mulher, com uma expressão fria, aguarda o motorista. O taxista então se dirige a ela.

TAXISTA
Qual o seu destino?

Sem mencionar qualquer palavra, a mulher entrega um papel amassado com um endereço. O taxista abre o papel e lê "Pombal 350". Entendendo ser esse um endereço, digita os dados no GPS do automóvel.

Figura 01: Trecho do roteiro "Pombal 350".

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

“O roteiro é uma história contada em imagens” (2001, p. 11), e é a partir da premissa de Syd Field que concebemos e desenvolvemos o roteiro de **Pombal 350**: produzido não só para ser lido, mas também para ser imaginado e sentido.

Durante toda a pré-produção do roteiro, possibilitou-se alterar diversas cenas e diálogos, permitindo inclusive que os atores sugerissem mudanças e ajustes, principalmente no que diz respeito às falas. Esta abertura foi significativa para que se pudesse dar maior realismo às cenas.

Também ao longo do processo de escrita do roteiro, a equipe valeu-se do método tradicional de estruturação de roteiro, proposto por Field, o qual consiste em uma estrutura dramática linear, dividindo-se em três atos: início (apresentação), meio (confrontação) e fim (resolução).

[...] Mas isso levanta outra questão: Se essas são algumas das partes que compõem o roteiro, como passar do Ato I, da apresentação, para o Ato II, a confrontação? E como passar do Ato II para o Ato III, a resolução? A resposta é simples: Crie um ponto de virada (*plot point*) ao final dos Atos I e II. Um ponto de virada (*plot point*) é qualquer incidente, episódio ou evento que "engancha" na ação e a reverte noutra direção — neste caso, os Atos II e III. (FIELD, 2001, p. 16).

A partir do modelo de estruturação dramática de Field, **Pombal 350** pode ser esmiuçado da seguinte forma:

ATO I: APRESENTAÇÃO

No primeiro momento, mergulhamos no universo do protagonista. Cenas contemplativas e cotidianas da cidade do Recife, intercaladas pela primeira aparição do taxista abrem o filme.

O fim deste ato e o início do próximo são marcados pela apresentação da segunda personagem: a passageira. A partir daí, o leitor/espectador imerge em outro clima da narrativa, no qual se espera interação entre as personagens.

ATO II: CONFRONTAÇÃO | TENSÃO

Este momento tem início quando a bela mulher misteriosa sinaliza para o táxi. Neste ato é revelado que aquela não seria uma viagem qualquer e nem aquela era uma passageira qualquer. As cenas são marcadas por poucos diálogos (apenas as inserções do GPS quebram o silêncio no interior do táxi) e interação visual entre as personagens.

Quando o taxista percebe que seu único objeto de sinalização estava no interior do veículo no momento em que a passageira sinalizou para ele, seu semblante transforma-se e uma tensão toma a cena. Esta sessão do filme serve como um ponto de virada, já que os comportamentos das personagens centrais alteram-se após tal sugestão. Faz-se uso da elipse no roteiro para construir a tensão psicológica antes mencionada, que será resolvida ao final do ato III.

ATO III: RESOLUÇÃO

O ato final é envolto por um conceito: o que não é ou não pode ser entendido, precisa ser sentido. Essa sessão do roteiro retrata a inquietação e a confusão do taxista diante das experiências vividas há poucos instantes. Uma série de questionamentos silenciosos ficam explícitos em sua expressão.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Tomando-se como base a lenda urbana “A galega de Santo Amaro” e diante da proposta do trabalho de conclusão da disciplina Captura e Edição em HD/SLR, criamos as personagens centrais da trama: o taxista e a passageira misteriosa.

As cenas em **Pombal 350** foram dispostas de maneira cronológica. Apesar dessa escolha, o filme não se torna óbvio, uma vez que, com o desenrolar da trama, mais e mais questionamentos surgem, os quais só serão resolvidos ao final do filme.

O roteiro começa com cenas cotidianas da cidade, numa perspectiva de contemplação de uma noite na cidade do Recife. Ainda num primeiro momento, a personagem principal, o taxista, é apresentada na trama. Sua aparição inicial também é envolta de naturalidade: o taxista retira a sinalização do seu veículo, descansa entre os tragos do seu cigarro e, finalmente, decide finalizar mais um dia cansativo de trabalho.

Numa espécie de reviravolta no enredo, uma passageira misteriosa surge e dá sinal para o taxista, que instantaneamente atende ao pedido. As próximas cenas do roteiro são marcadas por uma tensão diante da pouca interação entre as personagens (Figura 02).

A mulher, com uma expressão fria, aguarda o motorista. O taxista então se dirige a ela.

TAXISTA
Qual o seu destino?

Sem mencionar qualquer palavra, a mulher entrega um papel amassado com um endereço. O taxista abre o papel e lê "Pombal 350". Entendendo ser esse um endereço, digita os dados no GPS do automóvel.

GPS (O.S.)
Calculando trajeto para a Rua do Pombal.

Inicia-se o percurso da viagem sem qualquer diálogo entre os personagens. Toda comunicação é visual, através de trocas de olhares pelo retrovisor. Clima de tensão e desconforto.

CLOSE - Taxista

Ele desvia o olhar para o lado e percebe que sua sinalização de táxi está dentro do carro, sua única identificação.

CLOSE - Retrovisor

A mulher e o taxista se entreolham com um ar de tensão.

CORTA PARA

Taxista continua conduzindo o carro e o GPS quebra o silêncio anunciando o trajeto.

Figura 02: Trecho do roteiro "Pombal 350".

Após um trajeto silencioso, o taxista finalmente chega ao destino da passageira. Ao virar-se para o banco de trás, o taxista se depara com o vazio: a passageira não está mais lá. Apesar desta ser uma cena recorrente em filmes de terror/suspense, optamos por utilizá-la. Nas próximas cenas, roteiro transmite a confusão da personagem diante da situação: o taxista sai rapidamente do carro em busca da mulher, e ao não encontrá-la, se debruça sobre o veículo na tentativa de entender tudo o que havia acontecido.

Duas cenas são responsáveis por quebrar o ritmo da trama, tirando-a da perspectiva sobrenatural e trazendo-a para o real (Figuras 03 e 04). Pensamos nessas quebras como uma forma de sair da obviedade, comum aos filmes de terror. Nosso objetivo era romper com a expectativa do leitor/espectador de que o aparecimento da passageira se daria logo em seguida.

CORTA PARA

Motoqueiro passa por trás do taxista, ainda parado em frente ao cemitério. No final da rua, o motoqueiro faz o retorno, ficando exatamente na mesma direção do taxista.

CLOSE - Taxista

Ao perceber que está sozinho em uma situação de perigo, o taxista, agora agitado, entra rapidamente no veículo, enquanto o motoqueiro acelera e se aproxima dele. Ouvimos o som do motor da moto. Quando o taxista entra no carro, ouvimos o som do motor do carro tentado dar a partida.

CORTA PARA

INT. CARRO - NOITE

O taxista respira fundo algumas vezes, expressando alívio por nada de mais grave ter acontecido.

Figura 03: Trecho do roteiro “Pombal 350”.

EXT. POSTO DE GASOLINA - NOITE

O taxista, com um semblante ainda confuso, para em um posto de gasolina, abre a janela do carro e logo é abordado pelo frentista.

FRENTISTA

Boa noite.

TAXISTA

Boa noite.

FRENTISTA

Vai completar irmão?

TAXISTA

Não, vou não. Brigado.

CORTA PARA

INT. CARRO - NOITE

O taxista, mesmo que ainda extasiado com tudo que vivenciou naquela noite, segue seu caminho. Ouvimos o som do rádio do carro.

Figura 04: Trecho do roteiro “Pombal 350”.

No tratamento final, **Pombal 350** findou com 14 cenas em um total de 6 páginas. O curta-metragem foi filmado entre Setembro e Outubro de 2015. Foi finalizado em Novembro e apresentado em Dezembro do mesmo ano. Teve ótima receptividade do público e já foi selecionado para o Festival de Cinema de Belo Jardim/ PE, na edição de 2016 da mostra, além do Festival V Pachuca Film & Fest - Festival de Cortometrajes de Pachuca. Hidalgo – México e do 12 Months Film Festival – 2016 – Cluj-Napoca, Romênia.

6 CONSIDERAÇÕES

A construção do roteiro não se consolidou como um mero manual de instruções do filme, mas como um poderoso elemento de planejamento de ações, mensuração de recursos e tomada de decisões.

A construção narrativa, formalizada no roteiro, nos permitiu exercitar a intencionalidade, construindo situações dramáticas que sustentaram a história do filme. A estruturação do roteiro permite concatenar ideias e montar o filme antes do filme.

O roteiro de **Pombal 350** é recheado de descrições de cena, que se contrapõem as escassas falas, o que dá um norte ao diretor e ao montador, ainda que não se deseje criar restrições ou amarras ao processo criativo da produção.

Uma ideia não organizada termina sendo apenas uma ideia, um bom argumento pode nunca se tornar filme. O roteiro é um princípio, onde tudo se origina, onde a história precisa ser resolvida no papel, estruturada, criar ritmo e sentido. Essa ferramenta foi de fundamental importância no processo de concepção do filme, e sempre um guia fiel para o processo de produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDWELL, David. **Narration in the Fiction Film**. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1985.

BRANIGAN, Edward. **Narrative Comprehension and Film**. London: Routledge, 1992.

COELHO, S. Sandra. **Perspectivas da análise narrativa no cinema: por uma abordagem da narrativa no filme documentário**. Doc On-line, n. 11, dezembro de 2011, www.doc.ubi.pt, pp. 25-55.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GAUDREAU, André e JOST, François. **A narrativa cinematográfica**. Brasília: Editora da UnB, 2009.